

UNIVERSIDADE E SOCIEDADE

Elizabeth Cristina Campos Martins de FREITAS*

É notório o distanciamento existente entre a Universidade ideal e a Universidade real. Apesar de, contemporaneamente, possuímos uma estrutura bem mais aperfeiçoada da instituição universitária do que a existente inicialmente, ela ainda deixa muito a desejar. A noção da finalidade da universidade não é tema pacífico e merece ser analisada com muita cautela.

O ensino superior não pode servir de instrumento para que a elite conserve-se no poder com a manutenção do "STATUS QUO". Ele deve ser ambiente propício para a construção do saber caracterizado pela universalidade e autonomia. O objetivo maior da universidade deve ser pautado pela busca da verdade, procurando formar indivíduos conscientes de seu papel na sociedade.

Há uma relação constante de amor e ódio entre o meio social e as universidades. Se, por um lado, nossos jovens chegam a sentirem-se injustiçados e socialmente diminuídos por não conseguirem tornar-se universitários no tempo esperado, ao ingressarem no ensino superior tornam-se seus maiores críticos. Essa realidade encontra origem principalmente no fato de a universidade ser muitas vezes idealizada, fantasiada,

^(*)Mestranda do Curso de Direito Processual Civil da PUC-Campinas.

contrapondo-se completamente às realidades precárias do terceiro mundo (aqui em específico, do seu ensino superior).

É de extrema importância que, ao estudarmos essa crise de sobrevivência pela qual nossas universidades passam, não nos esqueçamos de analisar detidamente os problemas socioculturais mais evidentes relacionados a toda essa problemática. A estratificação da sociedade em classes sociais - que se compõem de segmentos e grupos variados "dissociados" uns dos outros - em muito contribui para que a questão da educação seja cada vez mais alarmante. Afinal, as universidades sofrem influência direta do meio no qual estão inseridas.

A relação da universidade com a comunidade tem sido muito debatida pela sua relevância social. A necessidade de encontrar uma solução global para o problema é evidente, mas a dificuldade em se encontrar uma linguagem comum entre as diversas classes sociais é uma realidade a ser enfrentada. Observa-se por parte das universidades, quase que de forma habitual, um comportamento fechado que retrata um significativo afastamento de seu meio social.

E fato, que há não muito tempo, a reflexão consciente da problemática social era motivo de intervenção e até mesmo de fechamento temporário de faculdades e universidades. Hoje, com a abertura política e o Estado Democrático de Direito, ao menos em tese, o quadro seria outro, com a ampla e efetiva participação da universidade na construção de uma sociedade mais atuante, consciente e produtiva. Mas, infelizmente, o que ocorre é a existência de um ensino superior muitas vezes voltado a questões sócio-políticas e culturais da comunidade. Não podemos deixar de constatar que toda universidade é essencialmente política, o que não significa que seja obrigatoriamente politizada. Isto significa que há, por parte das universidades, a defesa de determinados interesses. Estes, em uma sociedade de classes como a nossa, na maioria esmagadora das vezes, são os interesses da classe economicamente

dominante. Deste modo, no plano ideológico, a universidade traduz a política e a economia de determinada sociedade.

Muitos são os pontos geradores de conflito dentro da universidade, como por exemplo: os entrosamentos entre saber e poder, entre conhecimento e autoritarismo, entre habilitação e discriminações de "status social", dentre outros. Assim, a possibilidade de a universidade passar a ser um instrumento de mudança social, de contra-ideologia é deveras um grande desafio.

A crise universitária é um fato. Cabe principalmente aos alunos e professores a árdua tarefa de repensar suas atividades e relacionamentos para criar na universidade um ambiente propício a discussão e ao enfrentamento de questões de extrema importância, como a da submissão da universidade à ordem de determinada classe social. Na medida em que se entende o conflito existente na sociedade, é possível constatar que esse conflito ganhará complexidade conforme a intensificação do processo de mudança social.

As universidades são consideradas o mais alto grau de saber institucionalizado. São socialmente compreendidas como lugar particularmente propício à qualificação intelectual e profissional dos cidadãos, e também ao desenvolvimento das estruturas fundamentais de conhecimento.

Embora, originariamente a universidade tenha como função primordial, conforme o disposto em seus estatutos, o trabalho eminentemente voltado para questões humanísticas, democráticas de forma autônoma e livre, não é o que ocorre na prática. A discriminação social desde a seleção para o ingresso nessas instituições é gritante, o que nos remete à triste conclusão de que na prática a universidade acaba sendo um instrumento de discriminação a serviço da classe dominante, por não possuir autonomia suficiente para ditar os seus fins e objetivos. Por estar inserida em um subsistema do sistema social e político, a universidade pode acabar sendo, em parte, submissa e obediente ao sistema político.

Em nível mundial, entende-se que as universidades fazem parte de um intrincado sistema, na medida em que produzem e disseminam conhecimento em seus países de origem. Além disso, participa direta ou indiretamente de um sistema internacional no qual, seja intencionalmente ou não, acabam por inter-relacionar-se com instituições estrangeiras.

Para que compreendamos a situação atual das universidades, é necessário investigar os modos de relacionamentos travados pelas mesmas com o seu meio, além das formas utilizadas para participar da ordem internacional do conhecimento.

O ensino universitário acabou sofrendo em grande parte o fenômeno da massificação, na medida em que a população de estudantes aumentou e o nível dos cursos caiu, não apenas no que diz respeito à desproporção entre corpo docente e quantidade de alunos, mas também no que toca à situação de degradação do ensino médio. Essa massificação é causada não só pelo fato de existir uma discrepância absurda entre o número de alunos por professor, mas também porque ela serve como instrumento para uma elite se perpetuar. Essa elite continua sendo a detentora do poder e do saber e a ela interessa que o ingresso e a permanência das massas nas universidades sejam marcadamente de péssima qualidade. Dessa forma, para a "massa" qualquer saber seria suficiente, não havendo necessidade de preparar estruturalmente as universidades para o ingresso da mesma.

A educação há muito passou a ser vista como um "negócio", e age como se fosse uma empresa que tem por função formar, adestrar e lançar no mercado incompetentes sociais, presas fáceis da dominação e da rede de autoridades. Não há interesse em proporcionar ao indivíduo mecanismos hábeis de controle de seu trabalho ou certo poder de decisão e de veto. O preferível é que se ensine menos e se aprenda menos para que o sujeito seja dócil, alienado, sem poder algum de decisão e de veto, não possuindo as armas sagradas para se rebelar diante das injustiças sociais, armas essas que só o saber pode conceder.

Somente com a aproximação entre universidade e comunidade é que estaremos no caminho para solucionarmos esse complexo problema que atinge não só os meios acadêmicos, mas a sociedade como um todo. Afinal, a universidade deveria ser palco para as mais diversas discussões que visam à busca de respostas, em nível científico, aos problemas reais, estruturais, sócio-políticos e culturais.

A universidade não pode ignorar seu papel social, não pode servir apenas a uma elite, não pode servir apenas a si mesma e ser uma empresa de produção de diplomas e oferecimento de empregos. Ela deve definitivamente comprometer-se com a sociedade na qual está inserida e assumir sua tarefa primordial de primordial de produção do saber com qualidade. Os estudos técnico-científicos devem visar, antes de mais nada, atender as necessidades mais urgentes da comunidade. Não se pode perder em divagações que em nada auxiliem a vida social e política dos indivíduos. Para tanto, ela deve ter como ponto de partida as camadas economicamente desprivilegiadas e não se basear em planos esquematizadas de forma meramente teórica saídos de escritórios ou Institutos técnico-científicos dissociados da vida do povo. O que se procura aqui não é uma visão absurdamente paternalista e sim uma solução muito mais complexa e profunda. A tarefa da universidade consciente de seus deveres é pautada pela busca de mecanismos/ instrumentais hábeis para que a comunidade comece a caminhar sozinha com a infra-estrutura necessária para tanto. A universidade deve "universalizar" os problemas locais e restritos, elevando-os ao momento científico. Isto é, deve situá-los em nosso universo cultural no afã de encontrar soluções viáveis aos mesmos. Afinal, a universidade deve estar a serviço da comunidade e de seus problemas concretos.

Diante disso, não se deve aceitar a existência de instituições de centro e periferia, marcas da dominação de uma elite gananciosa que não se dá apenas entre países, mas também no interior de cada país, onde se definem universidades "centrais e

periféricas". Para que seja possível uma mudança radical no meio acadêmico, não mais podemos aceitar que um número de instituições ditas centrais padronizem os termos de pesquisa, ensino ou extensão, e até mesmo a linguagem que deve por todos ser utilizada. Essa submissão distancia ainda mais os meios acadêmicos das realidades sócio-culturais em troca de reconhecimento internacional. Esse problema não é somente resultado de deslumbramento por parte das universidades pobres/periféricas, mas em grande parte de ausência de recursos para produzir.

Cabe ressaltar, que não se prega aqui um localismo redutor que seria a negação da própria proposta de universalidade do ensino superior. O que se procura é que as instituições universitárias baseiem seu cosmopolitismo primordialmente no atendimento aos compromissos locais.

Urge que se procure um equilíbrio entre as necessidades particulares e as universais. Produzir tecnologia fina é realmente de extrema importância, mas desde que as necessidades básicas da sociocultura estejam sendo atendidas.

O problema da Universidade requer mudanças profundas, que revisem desde as estruturas de sustentação social até as formas mais atuais de relacionamento entre os homens.

A universidade deve preparar-se para atender a todas as formas de expressão cultural. O que não se pode aceitar é que sejam mantidos modelos ultrapassados de universidade por terem sido pensados em determinada época para certa sociedade.

A universidade deve ser o ambiente propício para a criação de um saber que realmente interprete a nossa condição atual e que não se preste à exploração e aos grupos de dominação.

É imprescindível que o ambiente de estudo se transforme de um mundo de desilusões para um mundo repleto de esperanças fundadas em bases sólidas. Para tanto, a universidade deve se integrar no quadro geral da educação e da sociedade no Brasil. Isso

só será possível quando todos os indivíduos tiverem realmente acesso à universidade de forma plena, o que pressupõe mudanças radicais no sistema social e político. Cabe revisarmos a função da universidade para compreendermos qual o seu papel no atual contexto.

O ensino superior deve capacitar os indivíduos a transformar informações em conhecimento, o que constituiria seu patrimônio intelectual. É da universidade a função de organizar e sistematizar os fundamentos do conhecer, proporcionando aos indivíduos a matéria-prima para que estejam preparados a prosseguir na árdua e interminável tarefa de pesquisador, de eterno aluno de um mundo em constante transformação. Desta forma, ao invés de um sujeito alienado, um intelectual de escritório, a universidade produzirá um ser humano capacitado, um profissional digno e respeitável.

Finalizando, cabe à universidade assumir o seu compromisso com a humanidade, com os fins sociais, enfim, a tarefa nada fácil de formar seres humanos conscientes de si e de seu tempo. Cidadãos estes comprometidos com a sua comunidade, possuindo o necessário discernimento ético, moral e científico, capazes de contribuir para a evolução de seu meio e para a procura de uma ação melhor sobre a prática. Sendo assim, a universidade deve deixar de lado as aparências, vaidades egoístas, superficiais e improdutivas para dar lugar a uma inter-relação extremamente no caminho da salvação.

BIBLIOGRAFIA

MORAIS Regis de. **A universidade desafiada**. Campinas: SP: Editora da UNICAMP, 1995 (Coleção Momento).